

ST. Lago

O Paranoá pode morrer

São desnecessárias quaisquer colocações relativas à importância urbanística, ambiental, climática, paisagística e social do Lago do Paranoá. Sua integração ao contexto do Plano Piloto consagrou em definitivo as causas eficientes que inspiraram Lúcio Costa para compô-lo no projeto original sobre o qual Brasília foi erguida.

Sua funcionalidade é essencial para dar sustentação à harmonia e ao equilíbrio do espaço que se projeta a partir de suas águas, exercendo um determinismo cuja influência é imprescindível para manter os padrões de estética, de habitabilidade e de utilidade, presentes nas qualificações urbanísticas da capital da República.

Inquieta, por isso mesmo, qualquer diagnóstico que coloque em área de incerteza o destino do espelho d'água que envolve o Plano Piloto em dois abraços líquidos nos seus segmentos norte e sul. A existência de uma ameaça concreta nesse rumo acaba de ser identificada por este jornal em sua edição da última segunda-feira, num trabalho profissional onde a questão do assoreamento da bacia lacustre ganha dimensões de um problema de suma gravidade. Quer pe-

las suas causas, quer pelos seus resultados. O uso predatório das terras de montante está resultando no arrastamento de milhões de toneladas de sedimentos que vêm sendo depositados em sua bacia potâmica, projetando um futuro incerto. Em seu lugar, provavelmente subsistirá um enorme campo coberto de areia e lama, num desvirtuamento inaceitável de sua destinação funcional.

A reversão desse processo degenerativo, muito embora não represente um problema técnico insolúvel, não escapa, porém, de um enquadramento de altíssimos custos para ser devidamente equacionado em seus múltiplos aspectos de viabilidade. Em que pese ter perdido valores expressivos de suas cotas batimétricas, o Paranoá ainda pode ser salvo de um destino inexorável se as terras que circundam a sua poligonal de decantação forem tratadas sob cuidados de impacto ambiental, pois, sem isso, até aqui, estão condenando o Lago do Paranoá a transmutar-se em areião desértico, depois de um insuportável estágio como charco pútrico e fétido.

Por enquanto, felizmente, o mal ainda tem cura.

26 JUN 1957